
QUESTÃO SOCIAL É “PROBLEMA MORAL”: MILITÂNCIA MODERNO-ESPIRITUALISTA E TRABALHADORES NO CEARÁ DAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX¹

Marcos José Diniz Silva²

RESUMO: Este artigo aborda a atuação de intelectuais adeptos da corrente *moderno-espiritualista*, composta de elementos pertencentes ao Espiritismo, à Teosofia e à Maçonaria, no contexto das lutas políticas e sociais dos trabalhadores cearenses nas primeiras décadas do século XX. Vislumbra-se a difusão de um ideário marcadamente espiritualista no movimento operário, contrário ao materialismo das correntes anarquista e comunista; bem como diferenciado do modelo católico circunscrito de organização operária. Destacam-se a perspectiva moralizante embasada nas idéias de evolução espiritual, leis divinas ou naturais, vidas sucessivas e reforma moral, levada a efeito por esses agentes na imprensa, na literatura, nas associações e em mobilizações dos trabalhadores.

PALAVRAS-CHAVE: Questão social, espiritualismo, movimento operário

SOCIAL ISSUES AND "MORAL PROBLEM": MILITANCY MODERN-SPIRITUALITY AND WORKERS IN THE FIRST DECADES OF CEARÁ OF THE TWENTIETH CENTURY

ABSTRACT: This article discusses the role of intellectual supporters of the current modern-spiritualist, composed of elements belonging to Spiritism, Theosophy and Freemasonry, in the context of political struggles and social workers from Ceará in the first decades of the twentieth century. Conjecture about the distribution of a distinctly spiritual ideals in the labor movement, opposed to the materialism of the communist and anarchist currents, as well as differentiated from the Catholic model circulates union. Some highlights are the moralizing perspective based on the ideas of spiritual evolution, natural or divine laws, successive lives and moral reform, carried out by these agents in the press, literature, associations and mobilization of workers.

KEY-WORDS: Social Issues, spiritualism, the labor movement

¹ Este artigo tem por base algumas questões desenvolvidas no Capítulo IV de minha Tese de Doutorado **Moderno-espiritualismo e espaço público republicano: maçons, espíritas e teosofistas no Ceará**, defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia/UFC, em junho de 2009. A pesquisa contou com apoio financeiro da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – FUNCAP.

² Graduado e Especialista em História. Mestre e Doutor em Sociologia. Professor do Curso de História da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC) - Universidade Estadual do Ceará. É autor do livro **No compasso do progresso: a maçonaria e os trabalhadores cearenses**. Fortaleza:NUDOC/UFC, 2007 (Coleção Mundos do Trabalho). Tem artigos publicados sobre Espiritismo e Maçonaria no Ceará. E-mail marcosjdiniz@oi.com.br

A emergência da Questão Social

No início do ano de 1910, retornava a Fortaleza o cearense Manuel Vianna de Carvalho, oficial do Exército, maçom e espírita. Como delegado da Federação Espírita Brasileira, orador e polemista espírita, reconhecido nacionalmente, Vianna de Carvalho fez publicar por algum tempo, no influente e combativo jornal *Unitário* – de propriedade do maçom João Brígido –, o seguinte anúncio: “Peço aos espíritas do interior do Ceará, bem como aos socialistas, maçons, livre-pensadores, adeptos em geral das ideias modernas, o obséquio de me enviarem os seus endereços para fins de propaganda” (UNITÁRIO *Apud* KLEIN FILHO, 1999, p.124).

O chamado de Vianna de Carvalho é representativo de todo um contexto da vida cultural cearense, onde desponta, com bastante veemência, a propaganda das “ideias modernas” em termos de religião - caso do Espiritismo - bem como, toda uma gama de novas interpretações da problemática social e humana. O significado dessas “ideias modernas” para a vida religiosa e intelectual cearense, em ebulição nesse contexto, extrapola o sentido religioso institucional e tradicional, para se consubstanciar em propostas alternativas ao debate sobre religiosidade, problemáticas sociais e políticas, demandadas pelas transformações advindas da modernidade, respingadas em terras cearenses.

Embora extensa a gama de situações que levavam à conformação da chamada “Questão Social” nos quadros da sociedade moderna, incluindo desde as diferenças de posses, passando pelo abismo educacional entre as classes até às condições miseráveis de existência, mais pronunciadas e denunciadas nos meios urbanos; coube ao operariado e aos seus defensores, nos séculos XIX e XX, uma demarcação mais nítida da “Questão Social” como resultante direta do desenvolvimento do capitalismo industrial. Mesmo em áreas periféricas do sistema e, nestas, em regiões com incipiente desenvolvimento industrial, o debate dessas questões e a formação de grupos políticos e intelectuais mais ou menos vinculados às correntes do pensamento operário mundial se fizeram presentes.

Impulsionada pelas exportações de algodão, a economia cearense, desde as décadas finais do século XIX, fez florescer o comércio, as finanças e a indústria têxtil e de beneficiamento de sementes. Fortaleza, a capital, se firma como pólo dinâmico da economia cearense atraindo investimentos e melhoramentos urbanos, com sua população atingindo 100 mil pessoas nos anos de 1920. Nessas primeiras décadas do século XX, desenvolvera-se o movimento organizativo dos trabalhadores, com dezenas

de associações de caráter beneficente, sindical e organizações partidárias, algumas delas lançando seus jornais como órgãos de propaganda.³

O moderno-espiritualismo

A expressão *moderno-espiritualismo* é aqui empregada para designar um conjunto de fundamentos religiosos, ancorados em argumentações racionalistas e cientificistas que embasaram a formulação do Espiritismo, da moderna teosofia (Sociedade Teosófica) e das referências espiritualistas maçônicas, examinadas em configuração específica da realidade cearense da primeira metade do século XX, desdobrada em afinidades eletivas e práticas sócio-políticas de seus adeptos em diversos setores da vida local.

Encontrará o Espiritismo grande afinidade com a Maçonaria e vice-versa. Pelo menos duas condições contribuíram para essa aproximação: primeiro, o fato de o Espiritismo, ao chegar ao Brasil na segunda metade do século XIX, ter encontrado severa oposição do catolicismo, à medida que trazia consigo uma alternativa espiritualizante ao modelo dominante no campo religioso. Na agitação intelectual da Corte, grandes nomes da política nacional, que eram maçons, também aderiram ao Espiritismo, como Quintino Bocaiúva, Saldanha Marinho, Bittencourt Sampaio.⁴ Em segundo lugar, pela proposição espírita de uma fé racional, sua visão evolucionista, suas bases positivistas e oposição fundamental ao materialismo. Essas características doutrinárias do Espiritismo produziam adesões nos meios maçônicos, impregnados de liberalismo, onde se difundia o livre-pensamento e a liberdade de crença, assentados, por sua vez, sob o domínio e proteção do *Grande Arquiteto do Universo* (G. A. D. U.). Todavia, essa ligação guarda raízes mais antigas.

Já no que respeita à Teosofia cabe, inicialmente, diferenciar o antigo teosofismo da Sociedade Teosófica, também chamada “moderna Teosofia”, organizada em sociedades, com princípios estabelecidos e representantes em todo o mundo; pois

³ Pode-se citar, dentre outros: o **Primeiro de Maio** (1904), órgão do Centro Artístico Cearense; **O Regenerador** (1908), órgão do Clube Socialista Máximo Gorki; **Ceará Socialista** (1919), órgão do Partido Socialista Cearense; **Voz do Gráfico** (1920), órgão da Associação Gráfica do Ceará; **O Combate** (1921), órgão da Federação dos Trabalhadores do Ceará; **Trabalhador Gráfico**, órgão do Sindicato dos Trabalhadores Gráficos; **Voz Proletária** (1930), órgão comunista e **O Legionário** (1933), órgão da Legião Cearense do Trabalho.

⁴ “Sem nenhum caráter formal, maçonaria e espiritismo andaram muito tempo associados. Alguns espíritas mais agressivos, como a maioria dos maçons, dirigiam igualmente suas baterias contra a fortaleza católica. A identidade de alvo acabaria transformando-os em aliados. E da aliança nasceria a conversão de maçons ao espiritismo e a filiação de espíritas à maçonaria”. (MACHADO, 1997, p.146).

segundo Helena P. Blavatsky, o teosofismo já era praticado antes da era cristã, como “Religião de Sabedoria”, busca da “Essência Suprema”, pelos grandes iniciados, magos, hierofantes, e nas religiões da antiguidade, por ela denominada de Teosofia arcaica e Teosofia eclética. (Cf. BLAVATSKY, 1879).

Essa observação pode ser enriquecida com a constatação de que, também, a Maçonaria admite a existência de seus princípios filosóficos e tradições já nas sociedades iniciáticas e corporações de trabalhadores desde a Antiguidade (Maçonaria Primitiva) e na Idade Média (Maçonaria Operativa), proclamadas como precursoras diretas da Maçonaria Moderna (ou Especulativa) organizada na Inglaterra, nos princípios do século XVIII. O Espiritismo, por sua vez, também se autodenomina moderno espiritualista ou espiritualismo científico, para distinguir-se das manifestações (fenomenologia espírita) e práticas espirituais (mediunismo), presentes em todos os povos, culturas e épocas da história humana, conforme demonstram seus adeptos.

Não se pode considerar temerário afirmar que o mundo maçônico tenha sido o berço onde foram embaladas as primeiras cogitações teosóficas da modernidade, em termos gerais, assim como também no Ceará dos finais do século XIX e primeiras décadas do século XX. Tal assertiva não obriga a considerar o movimento mundial da Sociedade Teosófica como uma extensão da Maçonaria. Sua autonomia organizacional e doutrinária foi claramente estabelecida desde a fundação dessa instituição em Nova Iorque, no ano de 1875, por Helena P. Blavatsky, Henry S. Olcott, William Q. Judge, dentre outros.

Outra ordem de relação é a que se estabelece entre Teosofia e Espiritismo. Surgido primeiro, como doutrina codificada, o Espiritismo se propôs a, “como eram chegados os tempos”, demonstrar de modo científico (racional e experimental) e irrefutável as verdades espirituais de todos os tempos que, ainda de acordo com Allan Kardec, se mantiveram apenas ao alcance de iniciados. Era o fim do sobrenatural, do oculto, dos mistérios. O codificador do Espiritismo referia-se a toda uma tradição mística e filosófica remanescente da Antiguidade, sobretudo oriental, de adeptos da concepção esotérica. Ou seja, doutrina segundo a qual crenças filosófico-religiosas, reflexões ontológicas e epistemológicas sobre a realidade última não devem ser vulgarizadas, nem divulgadas senão entre os adeptos credenciados, os iniciados. Como informa Silva:

No século XIX, a palavra “esoterismo” converteu-se, frequentemente, em sinônimo de oculto, de ocultismo sendo aplicado a campos de estudo e conhecimento como a magia, a mântica e a cabala. Estas definições abrangentes abarcam uma realidade histórica complexa e difusa. Crenças, teorias, técnicas místicas e iniciáticas que poderíamos classificar como esotéricas já eram populares na Antiguidade tardia, não desaparecendo na Idade Média, tornando-se importantes na renascença, atravessando os séculos XVII e XVIII, para ganharem força e expressão no século XIX. (1997b, p. 2)

Já a Sociedade Teosófica, surgida seis anos após a morte de Kardec, também se propôs a demonstrar cientificamente as grandes verdades espirituais, mas divergindo do Espiritismo em alguns aspectos. Contudo, suas diferenças a serem explicitadas adiante, não impediram aproximações e afinidades mútuas, como exemplifica Castellan (1955):

Como o espiritismo tinha se metido no terreno da Igreja, a teosofia, por seu lado interferiu com o espiritismo. Sem dúvida, os teosofistas não repelem os espíritas, mas consideram-nos dum ponto de vista superior. Um fato sintomático: existe em Paris uma Casa dos Espíritas ou Centro Espiritualista, e uma Sociedade Teosófica, cada qual em seu bairro. As duas organizações possuem, em parte, os mesmos conferencistas e, numa certa medida, o mesmo público curioso de ocultismo, sob todas as formas. Mas não se confundem. (CASTELLAN, 1955, p. 78).

A mesma autora adianta que, ao mesmo tempo próximas e distantes, as duas doutrinas são interferentes. Embora ambas reconheçam as verdades esotéricas inscritas nos textos bíblicos, guardam diferenças cosmogônicas claras. A complexidade “emanatista” da Teosofia distancia-se do modelo clássico ocidental (judeu-cristão) do Espiritismo no que respeita às concepções de Deus, da matéria, do gênesis. Enquanto Kardec defendia a superioridade do Espiritismo em relação ao espiritualismo “dos tempos passados” e seu poder terapêutico sobre a incredulidade; Blavatsky situa a proclamação de “porções” da *verdade*, pela Sociedade Teosófica, como o grande antídoto ao materialismo, superando tanto “antropomorfismo” quanto “fenomenalismo”.

Enfim, espíritas e teosofistas tendo concepções próximas sobre Deus, a evolução espiritual, a reencarnação, lei de causa e efeito ou *karma*, pluralidade dos mundos ou planos habitados, diferenciavam-se na forma de abordar esses conteúdos. Ainda Segundo Castellan (1955, p. 83-84), apenas num “detalhe” se encontram espíritas e teosofistas: quando “atribuem aos Evangelhos um sentido secreto, esotérico, de

origem hindu, que Jesus teria conhecido através dos Essênios”. E, conclui: “Espiritismo e Teosofia, doutrinas próximas e longínquas, em todo caso interferentes”.

Pode-se, por fim, considerar o moderno-espiritualismo praticado por esses agentes assentava-se nos seguintes fundamentos: (a) possibilidade de comunicação entre os vivos e os mortos (mediunidade); (b) difusão da antiga lei dos renascimentos sucessivos (reencarnação); (c) evolução espiritual; (d) evolução planetário-cósmica; (e) aliança entre religião e ciência; (f) complementaridade entre todas as crenças religiosas, fundada na unidade das leis divinas; (g) a defesa e a prática da liberdade, da fraternidade e da solidariedade entre todos os povos, crenças e raças.

Com algumas variações, a perspectiva moderno-espiritualista de espíritas, teosofistas e maçons, quanto às condições da vida humana na Terra passavam, necessariamente, pelo entendimento do caráter evolutivo da perfectibilidade humana e da nossa condição planetária como mundo de provas e expiações, fadado a evoluir para estágios superiores de ordem moral e intelectual.

Agentes, pertencimentos e afinidades

Foram diversos os agentes que tiveram duplo pertencimento a essas correntes de pensamento e atuação destacada nos meios intelectuais, políticos do ceará do período, de tal modo que não seria viável trabalhá-los nesse espaço de um artigo. Assim, destaco três nomes e, sucintamente, suas trajetórias como elemento auxiliar ao entendimento da dinâmica em estudo.

Teodoro Cabral, cearense de Itapipoca, nasceu em 1891, de família muito pobre, migrou ainda criança para o Norte, instalando-se no Pará. Trabalhou em casas comerciais de importação e exportação, enquanto estudava como autodidata aprendendo várias línguas, pois tinha apenas o curso primário. Daí ingressa no jornalismo local, chegando a ser redator-chefe d’*O Estado do Pará*, com apenas vinte anos de idade. Nesse ano de 1911, regressa a Fortaleza, inicialmente trabalhando como tradutor e correspondente comercial de casas exportadoras e importadoras da capital, enquanto integra-se ao jornalismo local.

Em 1927, participa, com o advogado Antonio Drumond, da fundação da *Gazeta de Notícias*, onde trabalhou como secretário, diretor, redator e cronista até

janeiro de 1932, quando passa residir no Rio de Janeiro.⁵ Usava o nome literário Teo Cabral, depois substituído por Políbio. Pertencera à Academia Cearense de Letras, a partir de 1930, e presidira a Associação Cearense de Imprensa (1930-1932). De seu trabalho na *Gazeta de Notícias*, destaca-se a coluna diária “Ecos e Fatos”. Assinando Políbio, Teodoro Cabral produziu crônicas muito comentadas e apreciadas pelos leitores, e respeitadas nos meios literários locais. Nobre (1976, p. 96) afirma ter sido Teodoro Cabral “o mais famoso cronista daquele tempo e, segundo alguns, de toda a história do jornalismo cearense”. Após sua mudança para o Rio de Janeiro, mantivera até o final do ano de 1933, na *Gazeta de Notícias*, a coluna “Da Metrópole”, com o mesmo estilo e assinatura de “Políbio”.

Na década de 1920, Cabral seria presidente do Centro Espírita Cearense, exercendo atividades nos setores mediúnico e evangélico-doutrinários. Participaria da fundação do Grupo Espírita Vianna de Carvalho (1926), e do corpo de redatores do jornal *Reencarnação*, órgão do referido grupo. Participaria, também, da fundação da Federação Espírita Cearense (1931). Também atuaria com destaque no terreno maçônico. Como Euclides César, também fora adepto do movimento de reforma maçônica contra o Grande Oriente do Brasil, que originara as Grandes Lojas estaduais. Ocuparia o cargo de Venerável da Loja Fortaleza Nº3. Daria amplo apoio à causa maçônica na *Gazeta de Notícias*, quer na polêmica da reforma, quer nos embates com o clero católico, ou mesmo noticiando as atividades das lojas.

Euclides de Vasconcelos César era natural de Areias, Paraíba. Veio ainda muito jovem para o Ceará, dedicando-se ao magistério particular, como na Escola da Fênix Caixeiral, da associação de trabalhadores homônima, por mais de vinte cinco anos. Em 1917, ingressa no concorrido Telégrafo Nacional - regional Ceará, que integrava também os estados do Rio Grande do Norte e Paraíba, permanecendo até 1932. O serviço de telégrafo, com seu ar de requinte tecnológico e a exigência de razoáveis dotes intelectuais, atraía jovens inteligentes e dinâmicos.

Euclides César converte-se ao Espiritismo nesses primeiros anos do século XX, torna-se dirigente do Grupo Espírita Auxiliadores dos Pobres, a partir de 1929. Também na década de 30, o mesmo participa das atividades do Centro Espírita Cearense, como

⁵ No sudeste do País, Teodoro Cabral foi redator dos jornais **Diário de Notícias** e **Tribuna**, exerceu as funções de tradutor, servidor público, assistente técnico do Brasil, para negócios exteriores, em diversos países. (Cf. MENEZES, 1978)

expositor e coordenador de reuniões evangélico-doutrinárias; na instituição anos antes presidida por Teodoro Cabral. (Cf. KLEIN FILHO, 2000).

À mesma época que adere ao Espiritismo, inicia-se na Maçonaria. No final da década de 20, com a cisão no Grande Oriente do Brasil e a criação das Grandes Lojas estaduais, como veremos adiante, Euclides César engaja-se como destacado defensor desse movimento. Participa como membro fundador e da diretoria (orador) de novas lojas como a “Fortaleza Nº 3” (1928) e a “Deus e Fraternidade Nº 4” (1929), filiadas à nova potência maçônica. Nessa entidade federativa estadual, a Grande Loja, ocuparia os cargos de “Grande-Orador” (1933-1936), “Grão-Mestre Adjunto” (1935) e “Grande-Orador Adjunto” (1937-1938). (Cf. MELLO FILHO, 1973).

Em 14 de julho de 1919, César participa como orador das manifestações de lançamento do Partido Socialista Cearense, ao lado dos fundadores do partido Gastão Justa, Joaquim Alves, Eurico Pinto, Raimundo Ramos. Euclides César também era muito conhecido como professor de línguas, especialmente o inglês e o francês. No jornalismo, foi redator d’*O Ceará*, colaborador assíduo d’*A Razão*, dentre outros jornais. Na literatura, Euclides César escrevera uma novela anticlerical, crônicas e os “famosos” “Florilégios”, perfis biográficos de aproximadamente trezentas personalidades cearenses contemporâneas.

Era um agitador cultural com claras intenções cívicas, morais, espiritualistas, nacionalistas, liberais e democráticas. Estivera na dianteira do Grêmio Literário Cearense, entre 1917 e 1919, com Eurico Pinto e Moacir Caminha, e na Academia dos Novos (1920) e recusara convite para a Academia Cearense de Letras, em 1930. Contudo, sua atuação mais destacada dar-se-ia na fundação e presidência da Academia Polimática.

Luiz Moraes Correia, natural de Amarração⁶, litoral piauiense, nasceu em 1880. Ainda residindo em Parnaíba, forma-se pela Faculdade de Direito do Ceará, em 1910. Torna-se promotor público em Teresina e Secretário de Polícia e Procurador Fiscal do Estado do Piauí, escreve estudos jurídicos sobre o divórcio publicados no *Diário do Piauí* (1912), e publica o livro “*Comentários Jurídicos*”. (Teresina, 1914). Tendo seus dotes literários sido reconhecidos, ingressa na Academia de Letras do Piauí.

⁶ A então Vila de Amarração teve seu nome mudado para Município de “Luiz Correia”, em homenagem ao seu ilustre filho, Dr. Luiz de Moraes Correia, através da Lei Estadual Nº 6 de 4 de Setembro de 1935.

Em Fortaleza, presta concurso para a Faculdade de Direito, sendo nomeado professor em 1918. Sua tese de concurso, intitulada “O Direito de Propriedade, o Domínio e a Posse”, recebeu comentários elogiosos de Clóvis Beviláqua. Na administração pública, Moraes Correia ocupou os cargos de Secretário da Fazenda, no governo Moreira da Rocha (1924); Secretário de Interior e Justiça, no governo Matos Peixoto, e, também, Secretário de Interior e Justiça, na Interventoria Fernandes Távora, do governo revolucionário de 1930. Em setembro 1931, é nomeado juiz federal da secção Ceará, permanecendo até outubro de 1934. Houve, na imprensa cearense, manifestações de satisfação por essa “conquista do Ceará” por Moraes Correa. Muito bem relacionado politicamente com os grupos liberais recém-instalados no poder em 1930 – pois fora partidário da Aliança Liberal – fora cogitado também para Interventor do Estado do Piauí, tendo recusado.

Foi teosofista fundador da Loja Unidade (1924), em Fortaleza, e maçom, exercendo, em 1930, o cargo de venerável da Loja Fortaleza, co-fundadora da Grande Loja do Ceará. Ainda ligado à Maçonaria local, ocupa a presidência do Asilo de Mendicidade. Participa, também, da Academia Polimática, de Euclides César, como sócio-benfeitor, ao lado de outros teosofistas, como Caio Lustosa de Lemos e Maria José de Castro. Moraes Correa era tido por seus biógrafos e amigos como um “mestre da espiritualidade”.

A Questão Social como problema moral-espiritual

Houve, pois, ostensiva militância desses e de muitos agentes maçônicos, espíritas e teosofistas no seio das organizações de trabalhadores, neste caso, no Ceará, imprimindo uma feição moral moderno-espiritualista; por um lado, radicalmente oposta às ideologias revolucionárias materialistas e, por outro lado, concorrente da perspectiva espiritualista tradicional desenvolvida pelo catolicismo. Desse modo, a difusão do moderno-espiritualismo quando encarava a problemática social contemporânea, não deixava de chocar-se com outras perspectivas ideológicas também dispostas a interpretar e solucionar a “Questão Social”.

É comum nos estudos da questão operária no Brasil o entendimento da preocupação com a instrução dos trabalhadores como parte das estratégias quer de conscientização de classe, ou como elemento de adaptação social ao sistema capitalista, à medida que se opta pelas correntes de esquerda ou as chamadas vias reformistas ou

“amarelas”, respectivamente. Contudo, para além de uma abordagem das configurações políticas externas dos grupos sociais em disputa, observa-se a presença, na maioria das vezes implícita, do elemento religioso ou das subjetividades religiosas subjacentes às ações desses sujeitos-lideranças e de seu seus projetos políticos. Exemplar dessa realidade pode ser visto na associação Sociedade Artística Beneficente (1902) e no Centro Artístico Cearense (1904), em Fortaleza; e na Aliança Artística e Proletária de Quixadá (1921), no município homônimo, fundados todos por maçons e com diversas lideranças pertencentes ao Espiritismo.

Gonçalves (2007) realiza oportuna abordagem do trabalho educativo voltado ao operariado de Fortaleza desde o final do século XIX e primeiras décadas do século XX, promovido pelas associações operárias e com larga divulgação por meio da imprensa, própria ou de setores mais progressistas da imprensa burguesa, ou “na imprensa dita independente”. Porém, nesses mesmos casos citados e muitos outros, não constam referências sobre pertencimentos religiosos e filosóficos dessas lideranças, embora citados nominalmente. Suas orientações religiosas e filosóficas, todavia, já se encontram referenciadas, demonstrando a presença ostensiva da militância maçônica, espírita e teosofista e de suas visões de mundo a informarem sua perspectiva da questão social. (Cf. SILVA, 2007; 2008; 2009).

As disputas antepondo a corrente revolucionária – libertária e comunista – à corrente espiritualista católica e moderno-espiritualista em torno do esclarecimento e da formação moral e política dos trabalhadores cearenses, davam-se num contexto considerado por ambas as vertentes como de profunda “crise”. Para os primeiros, os quadros da miséria social eram o retrato dos estertores da sociedade capitalista geradora das condições de sua própria destruição, na qual assumiam papel de vanguarda os trabalhadores organizados; para a outra vertente, vivia-se uma crise moral, acerbado individualismo e transição espiritual-planetária.

Na *Gazeta de Notícias*, o cronista Polibio - pseudônimo de Teodoro Cabral - alerta para o confronto das ideologias conservadoras e revolucionárias, a partir dessa perspectiva de crise espiritual da civilização: “Vai por dois milênios, experimentou o mundo crise espiritual idêntica à que hoje atormenta a humanidade”. Cita as civilizações da antiguidade, a grega e a romana. Nelas, “as classes superiores perderam a cultura cívica, filosófica e artística que lhe servia de ponto de apoio moral. As massas mergulharam em densa superstição. Substituíram a débil fé que lhes alimentava o

espírito pelo fanatismo estúpido e destruidor”. (GAZETA DE NOTÍCIAS, 3 nov., 1928). Faltara aos gregos “o invisível cimento dos sentimentos morais, única argamassa capaz de unir e solidificar as juntas do edifício social”. Passados os séculos e, desenvolvida a civilização cristã, augura o cronista que, chegando ao “nosso tempo”, “testemunhamos espetáculo similar ao da decadência greco-romana”. O acento no cerne moral da crise reforça coerentemente a perspectiva de mundo de sua corrente de pensamento: o problema está na conduta humana. Pois,

hoje, como outrora, os conservadores apegam-se, desesperadamente ao *status quo* social na ânsia de conservarem de pé o edifício integral com os bens e os males que o constituem; os revolucionários querem a destruição, o arrasamento de tudo quanto lembra um passado que odioso lhes parece [...]. Se o *discernimento*, a *lógica* e a *boa vontade* a todos animasse, os conservadores renunciariam aos erros apurados no cadinho da experiência secular e os revolucionários adeririam às verdades verificadas e comprovadas [...]. (Idem). (Grifo nosso).

Helena Blavatsky, em *A Chave para a Teosofia* (1889), esclarece a posição da S. T. referente às “reformas políticas e questões sociais”:

Procurar alcançar reformas políticas sem antes haver efetuado uma reforma na *natureza humana*, é o mesmo que colocar vinho novo em odres velhos. Faça com que os homens sintam e reconheçam no mais íntimo de seus corações qual é o seu dever real e verdadeiro para com todos os homens, e todo velho abuso do poder, toda lei perversa na política nacional, baseados no egoísmo humano, social ou político desaparecerão por si mesmos. (BLAVATSKY, 2004a, p.202, grifo da autora)

Assim, para a autora, “Todas as coisas boas e más na humanidade têm suas raízes no caráter humano, e esse caráter é e tem sido condicionado pela cadeia infinita de causa efeito. [...] O progresso somente pode ser alcançado através do desenvolvimento das qualidades mais nobres”. (BLAVATSKY, 2004. p.205).

Em sintonia com essa linha de pensamento, em Fortaleza, o primeiro número do órgão informativo da Loja Teosófica Unidade, em 1924, já traz o tema da “Questão Social”. Com o título: “A fraternidade e a questão social”, Luiz de Moraes Correia afirma que é apoiada na “fraternidade”, como “Lei da Natureza”, que “oferece a Teosofia a ambicionada solução do problema proletário”. E argumenta:

Os princípios teosóficos são de molde a justificar a conquista, pela revolução ou pela dinamite, do conforto material que sobra ao rico e falta ao pobre? Não. A Teosofia ensina que as desigualdades naturais de fortuna, inteligência e qualidades devem ser acolhidas sem revolta pelo homem, pois que semelhantes situações foram por ele mesmo criadas e se ajustam ao estágio correspondente de sua evolução. (A UNIDADE, 1 jan. 1924).

Mas, segundo o teosofista não é “possível enquadrar no extremo inferior da desigualdade natural de fortuna, a pobreza que atinge as raias da miséria”. Pois é justamente essa “miséria” que “vemos crescer e avultar no mundo moderno, ao lado do luxo descomedido e dos gozos que entorpecem o corpo e aviltam o espírito”.⁷ A solução, pela proposição teosófica, estaria na fraternidade. A forma de operar essa mudança será desenvolvida no capítulo seguinte. Antecipava, assim, Moraes Correia, os desenvolvimentos que faria, em 1927, sobre a interpretação teosófica da Questão Social:

A civilização vindoura, que já desenha os seus contornos à face do planeta, será fraternal e cooperativista. São características resultantes do princípio intuicional a ser desenvolvido [...]. Porque diverge profundamente a tônica da atual civilização do espírito da que lhe vai suceder, chocam-se entre si os princípios sobre que uma assenta e as bases sobre que a outra vai repousar. *Esse choque se revela e se traduz na feição presente da questão social*. Eis a sua razão de ser. (CORREIA, 1927b, p. 9-10, grifo nosso).

Também os agentes espíritas e maçons dispuseram-se a solucionar o “problema proletário”. O professor Euclides César, que estivera nas atividades do Partido Socialista Cearense, em 1919, pronunciado discursos nos eventos públicos do mesmo, mantém, com diversos companheiros, estreitas relações com as associações de trabalhadores. No início de 1921, o jornal libertário *Voz do Gráfico* noticia as presenças de Euclides Cesar e do também maçom e espírita, Francisco Prado, em palestra sobre a “Questão Social”, na solenidade de posse da nova diretoria da Sociedade Deus e Mar.⁸

No ano de 1925, o Sindicato dos Trabalhadores do Porto, de Fortaleza, por sua vez, registra palestras de Euclides Cesar e do positivista e professor do Colégio Militar de Fortaleza, Major Praxedes Góes, sobre assuntos morais e cívicos. Consta, também, convite do “Dr. Euclides César”, aos presentes a participarem das conferências do “Major Praxedes” na sociedade “Deus e Mar”.

⁷ Idem.

⁸ Sociedade Deus e Mar. *Voz do Gráfico*. Fortaleza-Ce. 6 jan. 1921. (Cf. GONÇALVES; SILVA, 2000, p. 105).

Noutra sessão, Euclides César convida os trabalhadores do referido sindicato para a sessão cívica da Escola Proletária, da Sociedade Artística Beneficente. Naquela ocasião, o “segundo secretário [do sindicato], aparteando, afirma que, antes da política de classe, os trabalhadores devem se unir para tratar de problemas mais urgentes, tais como instrução, educação moral e cívica [...]” (*apud* PARENTE, 1999, p. 81-84). E, já contemplando a vitória parcial desses princípios, o mesmo Euclides César publica, em 1931, o artigo “Patrões e operários”:

No Brasil, as divergências entre patrões e operários, sempre têm sido resolvidas pacificamente. As greves ou têm sido evitadas ou têm tido duração insignificante. [...] Frequentem algumas vezes o ‘Centro Artístico Cearense’, a ‘24 de Junho’, a ‘Artística Beneficente’, sem incluir o ‘Círculo São José’, e verão que o operário está certíssimo de que não é com a *desorganização do capital* que ele conseguirá uma situação mais folgada, que lhe garanta mais suavemente o pão p’ra boca. [...] Diante dessa atitude sempre pacífica e sensata, a ideia de uma conciliação entre patrões e operários, é bastante admissível. [...] Inspirados num elevado espírito de justiça, aureolados pelo *sentimento de fraternidade*, desapareceriam, por certo, as dissensões. (A RAZÃO, 14 jan. 1931). (Grifo nosso).

Defender que, no Brasil, “os conflitos entre patrões e operários, sempre têm sido resolvidos pacificamente”, era forçar por demais a ideologia da ordem. Nesse aspecto, Teodoro Cabral, já relativiza considerando a natureza conflituosa da vida social. Observe-se que Euclides Cesar tinha experiência junto às associações de trabalhadores. Quando nessas entidades, fora coerente com essas ideias, de tal modo que até considerava válida a atuação católica naquele meio; apesar de ter sido bastante severo com o clero local, quando se tratava de ataques ao Espiritismo, à Maçonaria, ao ensino leigo.

O “proletário cearense” também era assunto de interesse de cronista Polibio. Numa crônica situada no contexto da greve dos condutores e motorneiros dos bondes da “Light”, em Fortaleza, apresenta-se: “A esta hora em que tua alma se agita amargurada ante os embates da luta pela vida, permite que dirija uma palavra amiga”. (GAZETA DE NOTÍCIAS, 3 set. 1929).

Nessa página, de muita riqueza de conteúdos, ensinamentos e proposituras, dentro dos princípios do moderno-espiritualismo, Polibio se desincumbe do papel de lutador e líder do operariado:

Não sou, moralmente, um dos teus; não estou lutando por ti; outros interesses e outros ideais, que não sejam os de tua classe (que, aliás, é a minha) reclamam o melhor do meu esforço. Todavia, teu inimigo

não me consideres. Sinto-me ligado a ti pelo sentimento de solidariedade que me prende a todos os meus irmãos em humanidade sem acepção de raça, política e religião. [...] teu guia não posso ser, nem pretendo. Faltam-me as qualidades de [...]. (Idem).

E é movido por esses “outros interesses e outros ideais”, que Polibio presta-se a educar o “proletário cearense”, reconhecendo o caráter contraditório da sociedade vigente, sua posição conciliatória e a presença do plano divino: “A atual organização social divide a nossa humanidade em classes com interesses divergentes e que, por isso, se entreodeiam e se entre-perseguem. Não persigo nenhuma e defenderia a todas, se possível me fora”. Porém, apesar das “incompreensões” e “incompatibilidades” que dificultam a realização da “felicidade comum”, segundo o autor, é preciso considerar que:

O plano para o progresso da humanidade fora traçado, com admirável perfeição, há dois mil anos pelo filósofo dos filósofos, pelo humilde e desinteressado Jesus de Nazaré [...] Não o confundas com religiões que se intituam de distribuidora da mensagem, e que, dirigidos por homens, imperfeitos como nós outros, tantas vezes a deturpam em prol da satisfação de seus egoísticos interesses [...]. O teu problema, proletário cearense, o problema dos teus irmãos universo a fora; o problema social, o problema humano por excelência é um *problema moral* e não um problema econômico. (Idem). (Grifo nosso).

Reforçava assim, a terapêutica moral da questão social, tal qual faziam os teosofistas apresentando um “plano divino” no qual não era lícito ao operário revoltar-se; o espírita Polibio acessava o plano do *Evangelho* naquelas consciências, ressaltando o cuidado de não confundi-lo com as religiões, “dirigidas por homens imperfeitos [...]”. Lembre-se aqui, a vigência do movimento católico de organização dos trabalhadores, através dos Círculos Operários desde 1915, referido anteriormente.

A fidelidade de Polibio à perspectiva espiritualista o levava a uma postura declaradamente contrária ao comunismo exercendo, de suas colunas jornalísticas, permanente ação pedagógica de conscientização do operariado sobre as inconveniências do bolchevismo. Relata o cronista, certa feita, o recebimento de uma carta circular da União Popular Cristo Rei – associação beneficente católica –, solicitando-lhe opinião sobre “as doutrinas e práticas comunistas que ora nos contristam e alarmam”. Após

fazer uma “explicação” ao leitor sobre a procedência católica do documento, religião à qual não pertencia; o cronista responde:

Todos os credos religiosos e filosóficos que se enquadram dentro do cristianismo reprovam as teorias e as práticas do comunismo. Assim acontece com a Igreja Católica Apostólica Romana, com as Igrejas protestantes, a Igreja Greco-cismática e com o Espiritismo (que professo) – todas as quais – assentando os seus fundamentos nas verdades religiosas, morais e espirituais contidas na Bíblia – repelem com ardor as teorias filosóficas e conseqüências práticas de uma doutrina antiespiritual como é o comunismo. Como se sabe, o comunismo, tal qual se pratica na Rússia [...] é essencialmente materialista. [...] Combate furiosamente as religiões e derroca-lhes os princípios morais, renunciando ao mais precioso patrimônio moral de nossa espécie, que é o espiritualismo. (GAZETA DE NOTÍCIAS, 4 fev. 1931).

O autor procura demarcar seu lugar no campo religioso, a especificidade moderno-espiritualista da crença espírita que professa, em igualdade de condições com os demais credos cristãos, ao tempo que declara sua postura contrária ao comunismo, como resultante da composição de sua crença no conjunto genérico do espiritualismo. Nesse ponto do texto, o autor ressalta não apenas o mal do “materialismo”, mas a ausência da liberdade religiosa naquele país. Rebate, em seguida, a alegação de que os primeiros cristãos eram comunistas: “De fato o eram. Mas era a comunidade econômica pelo mútuo consentimento. Era um comunismo voluntário [...]” E, mais adiante: “O comunismo russo, porém, é um comunismo compulsório. Impõe-se pela violência”. (Idem). Por fim, à indagação sobre a forma de se combater o comunismo, Polibio ensina:

A contrapropaganda pela palavra falada e escrita, no púlpito, na tribuna, no jornal, no livro. Sem paixão, sem exagero, seja o nosso público esclarecido sobre o que é o comunismo e quais são os seus inconvenientes e perigos para a religião, para a pátria, para a família. Esse é o dever de todos os bons brasileiros esclarecidos. (Idem).

Os anos finais da década de 20 viram a expansão do movimento comunista no Ceará. Entre 1927 e 1928, funda-se, em Fortaleza, o Bloco Operário e Camponês (BOC) e a secção cearense do Partido Comunista Brasileiro (PCB), assim como alguns núcleos do BOC em cidades do interior do estado. Eram muitas as dificuldades de arregimentação comunista, tanto de ordem política quanto estrutural. Segundo Ribeiro (1989):

Dois pontos são de especial relevância para a compreensão de como as idéias comunistas foram introduzidas nos seio do movimento trabalhista no Ceará, o que não é fácil devido as características políticas do estado; primeiro, ele era dominado pelo tacão de ferro das oligarquias locais... Segundo, a posição assumida pela Igreja Católica frente a toda e qualquer inovação social ou política reafirmando sua posição tradicional na história brasileira. A hierarquia católica se declarava, a partir dos anos vinte, como o sustentáculo da ordem estabelecida... Foi este, sem dúvida, o Estado da Federação onde o clero exerceu com maior amplitude a doutrina da ordem [...]. (RIBEIRO, 1989, p. 31-32).

O autor acrescenta outro empecilho: “[...] a falta de operários, já que o Estado não possuía um grande número de indústrias”, para não dizer da “ausência de um operariado historicamente combativo ou que já tivesse alguma experiência ou militância em movimentos sindicais de orientação de esquerda”. (RIBEIRO, 1989, p. 31-32). Contudo, a burguesia local e os grupos conservadores ativaram acirrada campanha de opinião pública e junto ao Estado para barrar o crescimento da “besta comunista”.

Além da propaganda anticomunista na imprensa fundam, em janeiro de 1931, a União Sindical do Trabalho, “reunindo elementos de maior destaque das classes conservadoras de Fortaleza” e, segundo seu programa, dela “participarão: patrões, operários, comerciantes, caixeiros e intelectuais”. (*apud* RIBEIRO, 1989, p. 36, 157). Sua comissão organizadora era formada exclusivamente por indivíduos integrados ao clero e ao laicato católico: Monsenhor Tabosa Braga, Andrade Furtado, Lincoln Matos, José Martins Rodrigues e Raimundo Araripe. Em agosto daquele mesmo ano, era fundada a Legião Cearense do Trabalho (LCT), sob o comando do tenente Severino Sombra, atraindo o apoio católico por sua postura de combate ao comunismo. Em 1932, seria a vez da criação da Liga Eleitoral Católica e do núcleo cearense da Ação Integralista Brasileira.

Não faltavam, por isso, as respostas da militância operária de esquerda aos setores conservadores. O editorial do jornal comunista *Voz Proletária*, de 1º de fevereiro de 1930, declarava:

É verdade que em nossa organização não ensinamos o padre nosso e nem preparamos crianças para a primeira comunhão, visto que nada disso faz parte do nosso programa, mas também não mandamos ler *Kardec* nem Lutero e, sim, ensinamos ao proletariado o caminho do

seu bem-estar, mandando ler Marx e muitos outros mestres [...]. (apud MONTENEGRO, 1980, p.132, grifo nosso).

Noutra ocasião, em 14 de junho daquele mesmo ano, o jornal *Trabalhador Gráfico*, no editorial “Destruindo sofismas!”, chama atenção para a repercussão da conferência da educadora Mercedes Dantas, da Sociedade Brasileira de Educação, sobre os modernos métodos educacionais aplicados na U.R.S.S., elogiada pela imprensa local, “inclusive a ‘Folha Pia’ [*O Nordeste*] e o ‘Jornal das Almas’ [*Gazeta de Notícias*]”. (Cf. GONÇALVES; BRUNO, 2002). Era óbvia a referência à *Gazeta de Notícias*, dos maçons-espíritas Antonio Drumond, fundador-proprietário e Teodoro Cabral, editor, redator e colunista. Parecia claro ao movimento de esquerda do operariado, que os adeptos “das almas” e de “Kardec” compunham outra alternativa de organização dos trabalhadores, também diferente dos círculos operários católicos.

Observe-se, também, que, a postura dessa militância comunista marcava diferença com outros setores e lideranças dos trabalhadores que insistiam em agregar valores espirituais às lutas sociais. O jornal *Ceará Socialista*, órgão do Partido Socialista Cearense (1919), fundado por um grupo de trabalhadores, liderados por Eurico Pinto, Gastão Justa, Joaquim Alves e Raymundo Ramos, traz artigo ilustrativo desses embates: “Ser socialista não é ser anarquista”:

Eles [“os patrões botocudos e recalcitrantes”] bem conhecem que ser socialista não é ser anarquista; eles bem sabem que socialismo significa aproximação íntima de todas as classes, de todos os homens, sob um mesmo princípio, um mesmo fim, que é a confraternização dos povos, o bem-comum e a igualdade entre todos os seres humanos. [...] Socialista foi o Divino Mestre que com a eloquência de sua palavra pregava, sempre, a Liberdade e a Igualdade entre os homens [...]. (CEARÁ SOCIALISTA. Fortaleza-Ce. 7 set. 1919)⁹.

Também nos jornais *Voz do Gráfico* e *O Combate*, da Associação Gráfica do Ceará (1920/21) e da Federação dos Trabalhadores do Ceará (1921), ambos de orientação anarquista, dirigidos por Pedro Augusto Mota, Moacir Caminha, Francisco Falcão (maçon) e outros colaboradores; os discursos laicista, anticlerical e às vezes materialista, de diversos articulistas, dividiam o espaço midiático com outros de perspectiva moderno-espiritualista. Nesse sentido, o *Voz do Gráfico* abre espaço a

⁹ Ser socialista não é ser anarquista. *Ceará Socialista*. Fortaleza-Ce. 7 set. 1919. (Cf. GONÇALVES, 2001).

articulistas, que expõem claramente a vertente espiritualista no delineamento da conduta do “homem do trabalho”. No artigo “O operário, o caráter e a política”, o autor não deixa dúvidas de sua perspectiva, quando diz:

Enquanto o operário está vigoroso e são, luta. As forças que Deus e a natureza lhe deram, o sustém e sustém o seu lar [...]. Um dia, porém, o operário foi ferido mais profundamente, sentiu o peso da desdita, e procurou fugir a ela. Reconheceu que era uma força e que podia, de acordo com leis divinas e naturais, fazer face ao patronato que o explorava [...]. (VOZ DO GRÁFICO, 5 fev. 1921) ¹⁰.

A configuração da espiritualidade, a partir da relação “lei divina”/“lei natural”, é recorrente. Maior clareza pode ser vista noutro, intitulado “Guerra”, de uma “uma distinta colaboradora, M. J. C.”. A autora assinala doutrinariamente: “Só poderá ser partidário da guerra caracteres muito corrompidos de espírito [...] A guerra é o ponto de animalidade mais inferior a que o homem pode chegar”.¹¹ Idéia semelhante pode ser encontrada em *O Livro dos Espíritos* (1857), à questão 742, quando Allan kardec indaga aos Espíritos: “Qual a causa que leva o homem à guerra?” Obtém como resposta: “Predominância da natureza animal sobre a espiritual e a satisfação das paixões [...]”. (KARDEC, 1996b, p. 286).

Quanto às “religiões” (instituições), no entender da articulista, estas mostram todos os dias que “a verdadeira crença não existe, pois apenas concorrem para o desenvolvimento do ódio”. Assim, segundo ela, “A guerra subsistirá até que o egoísmo da derradeira civilização seja destruído pela ação da espiritualidade”, pois, “a compreensão perfeita do espírito de solidariedade, traz a crença, a fraternidade e, enfim, o Amor”.¹² Os Espíritos, segundo Kardec, se posicionaram de modo assemelhado, à questão 916: “Quando os homens se tiverem despedido do egoísmo, viverão como irmãos, não se fazendo mal e se ajudando reciprocamente pelo sentimento fraterno de solidariedade”. (KARDEC, 1996b, p. 338).

A “distinta” “M. J. C” também esteve presente no jornal *O Combate*, de responsabilidade dos mesmos editores do *Voz do Gráfico*. Nessa oportunidade, no artigo “A solução do problema social”, a autora alerta que somos regidos por duas “grandes

¹⁰ O operário, o caráter e a política. *Voz do Gráfico*. Fortaleza-Ce. 5 fev. 1921. (Cf. GONÇALVES; SILVA, 2000).

¹¹ Guerra. *Voz do Gráfico*. Fortaleza-Ce. 26 mar.1921. (Cf. GONÇALVES; SILVA, 2000). Tratava-se das iniciais da jovem teosofista Maria José de Castro.

¹² Idem.

leis imutáveis e inexoráveis”, nas quais encontramos o “x” que “tantas dores tem causado à humanidade [...] A primeira dessas leis é a da *causa e efeito*. A segunda é a do *renascimento*. Da vida dimana a morte. Da morte dimana a vida”. Concluindo que: “Do reconhecimento dessas grandes ‘leis’ nos adviria a fraternidade, que conseguiria arrastar a igualdade; não a igualdade absoluta, como muitos supõem existir; a igualdade, porém relativa [...]. Querer uma reforma social sem ter por base estas duas *leis*, é demasiada utopia”.¹³ (Grifo nosso). Observe-se, também que nesta, como nas demais citações de “M. J. C.”, os conhecimentos espirituais revelados condizem, plenamente, também, com os ensinamentos teosóficos.

É pertinente acreditar que, menos por “indefinição ideológica”, essa variedade de percepções caracterizava uma estratégia de alianças entre grupos heterogêneos que tinham como alvo comum o combate ao “obscurantismo” e ao dogmatismo clerical, a serviço da “redenção moral” das “classes laboriosas”, dando solução à “Questão Social”.

Considerações finais

Entendidos como uma ampla vertente adepta de uma espiritualidade afeita à racionalidade, ao cientificismo e à vivência interior de preceitos religiosos das revelações e das tradições esotéricas; os moderno-espiritualistas também são percebidos aqui como agentes portadores de um projeto social e de um projeto de Humanidade que entravam em choque com tradicionalismo da Igreja Católica que, por sua vez, compunha uma configuração oposta, mas nem por isso menos ligada aos moderno-espiritualistas pelos laços de interdependência gerados pela matriz espiritualista de ambos.

Nesse sentido, é possível perceber que no Ceará a proclamada hegemonia das forças conservadoras na neutralização do avanço das esquerdas e na configuração do modelo político autoritário, vigente nos anos 30, não tivera lugar de exclusividade a atuação social e política da hierarquia e do laicato católico, como tem ecoado nos estudos sobre o período. Ou seja, embora mais identificados com os modelos liberais, os moderno-espiritualistas cerraram fileiras da defesa da ordem social e das bases

¹³ A solução do problema social. *O Combate*. Fortaleza-Ce. 26 jun. 1921. (Cf. GONÇALVES; SILVA, 2000). Mais detalhes dessa relação constam em “Modernidade e espiritualismo na operária cearense da Primeira República”. (Cf. SILVA, 2008).

espirituais da nação, diante do fantasma do ateísmo comunista, como agentes fundamentais ao lado do concorrente projeto político-social do catolicismo.

Referências

BLAVATSKY, Helena P. **A Chave para a Teosofia**. 3ª ed.. Tradução Célia de Moraes. Revisão técnica Ricardo Lindermann. Brasília-DF: Editora Teosófica, [1889] 2004a.

_____. **Glossário Teosófico**. 5ª ed. Tradução Sílvia Sarzana. Supervisão de tradução Murillo Nunes de Azevedo. São Paulo: Editora Ground, [1892] 2004.

_____. O Que é a Teosofia? In: **The Theosophist** . n.1, out. 1879. Disponível em: www.levir.com.br/artigo1-1.php Acesso em: 5 out 2006.

CASTELLAN, Ivonne. **O Espiritismo**. São Paulo: Difel, 1955.

CORREIA, Luiz M. **A Questão Social por um novo prisma**. Rio de Janeiro:Tipografia Industrial, 1927b.

GONÇALVES, Adelaide. O papel educativo: imprensa e instrução para os trabalhadores no Ceará dos fins do século XIX aos anos de 1920. **Trajeto Revista de História**. V. 5, N. 9/10, p.85-116, 2007.

GONÇALVES, Adelaide. (Org.) **Ceará Socialista. Anno 1919**. Edição Fac-Similar. Florianópolis: Insular, 2001.

GONÇALVES, Adelaide; BRUNO, Allyson. (Orgs.) **O Trabalhador Gráfico**. Edição Fac-Similar. Fortaleza:Editora UFC, 2002.

GONÇALVES, Adelaide; SILVA, Jorge E. (Orgs.) **A Imprensa libertária no Ceará (1908-1922)**. São Paulo: Imaginário, 2000.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos** Tradução José Herculano Pires. Capivari (SP): Editora EME, [1857] 1996b.

KLEIN FILHO, Luciano. **Memórias do Espiritismo no Ceará**. São Paulo:DPL Editora; Fortaleza:Centro de Documentação Espírita do Ceará., 2000.

_____. Luciano. **Vianna de Carvalho, o tribuno de Icó**. Niterói (RJ):Publicações Lachâtre. 1999.

MELLO FILHO, Luiz de. **Maçonaria no Ceará. Lojas e obreiros**. Fortaleza:[s.n.], 1973.

MENEZES, Raimundo de. **Dicionário literário brasileiro**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

MONTENEGRO, Abelardo F. **Os partidos políticos do Ceará**. Fortaleza: Edições UFC, 1980.

NOBRE, Geraldo da S. **História da Associação Cearense de Imprensa**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1976.

PARENTE, Francisco J. C. **Anauê – Os Camisas verdes no poder**. Fortaleza: Edições UFC, 1999.

RIBEIRO, Francisco Moreira. **O PCB no Ceará: ascensão e declínio (1922-1947)**. Fortaleza: Edições UFC/Stylus Comunicações, 1989.

SILVA, Eliane Moura. **O Cristo reinterpretado: espíritas, teósofos e ocultistas do século XIX**. Campinas, Unicamp: 1997b. Disponível em: www.unicamp.br/~elmoura/O%20nos%20S%E9c.%20XIX%20%20XX.doc. Acesso em: 20/ jul/2006.

SILVA, Marcos José Diniz. Modernidade e espiritualismo na operária cearense da Primeira República. **Revista História Hoje**. v. 5, nº 13, 2008. Disponível em: <http://www.anpuh.org/revistahistoria/public>.

_____. **Moderno-espiritualismo e espaço público republicano: maçons, espíritas e teosofistas no Ceará**. Tese de Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

_____. **No compasso do progresso. A Maçonaria e os trabalhadores cearenses**. Fortaleza: Edições NUDOC, 2007. (Coleção Mundos do Trabalho).

Recebido em 10/06/10

Aprovado em 19/09/10